

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

RECORDAÇÃO DO PASSADO

Foi no mez de maio de 1859, ou seja ha 36 annos, que se passou em Braga, o que eu vou contar aos leitores da «Lagrima» n'esta chroniqueta.

Estudava então eu n'aquella cidade, para saborear as delicias de uma noite em vespera de feriado, dei o corpo á cama bem mais cedo do que o habitual em dias de aula. Era num sabbado. Pelas 10 da noite batia-se desesperadamente á porta da casa em que eu morava, na rua dos Sapateiros; que Deus haja, n.º 18.

Vim sobresaltado á janella vér o que havia de novo e conheci dous condiscipulos meus—João Carvalho, hoje capellão no collegio de D. Pedro V, e Manuel Machãlo, o afamado mestre de cunharia, hoje abbade de Priscos—que tratavam de reunir parceiros para uma grande *tocata*, que devia partir logo, logo, para o Bom Jesus do Monte.

—«Isso é extraordinario?» disse-lhes eu lá de cima da janella.

—«Extraordinarissimo,» respondem elles.

Tratei de vestir-me, de vér se a rabeça tinha as cordas todas; e;

—«Prompto, vamos lá. Mas isto á que genero de extravagancia pertence?»

—«Foi o capitão Gaspar, e quanta gente não ha ainda aqui em Barcellos, que conheceu o capitão Gaspar, que bom typo de amigo e de liofomio!) e o Leite da Conega que acabam de ganhar na batota em casa da Constantina um grosso dinheiro, e querem já esta paudega, devendo reunirmos-nos no Transmontano aonde vamos ceiar em antes de partirmos.»

Nem pedi mais explicações; *rôda que se faz tarde*.

No hotel Transmontano estava já posta a meza, e tudo preparado para uma boa refeição aos estudantes da *tocata*; o capitão Gaspar num delirio de entusiasmo e de alegria, o Leite, mais sorrumbatico, recebia em expansões de jubilo á rapaziada que vinha chegando, e principiava a gostar muito daquella introdução em allegro vivo a todas as valsas, polkas, contradanças e mázurkas, que nós tinhamos de tocar por ali fóra até á montanha do Senhor Bom Jesus.

Comeu-se, e bebeu-se á farta, com o vinho a 80 reis cada quartilho e daquelles quartilhos de Braga, que, por aquelle tempo, eram ladrões como ratos. Partimos tocando, e afinadinhos que iam todos, pela rua de S. João, S. Marcos, Caminho de Santa Anna, Senhora A Branca e sempre assim até aos Piões. Ali metteram-se os instrumen-

tos ao sacco, e fomos marchando por aquelle caminho velho e desfeito, como então era, até que chegamos ao alto á uma hora da manhã, pouco mais. Não tugia nem mugia por aquella estancia um unico folego vivo. Eu ia stado, num lago de agua, e principiei a temer uma pneumonia; porque nós vimos em riscos de ficar no olho da rua; ou, quando muito, encostados ao cavallo do Longuinhos ou á peanha do Heródês, que ainda hoje lá está na mesmissima figura, emquanto que o bom dô capitão Gaspar e o *vivant* do Leite já a pouca gente lembram.

O capitão bateu desesperadamente á porta do Hotel que é hoje o—Grande Hotel—, e; depois de um bater de guerra,—*ou abri ou vão as portas dentro*—, appareceu um creado á uma janella, com grades de ferro para saber que gente era aquella ás tres horas chegada ali.

—«Abre! E' gente de paz. Não me conheces?»

—«Pois quem era que não conhecia o capitão Gaspar? Não havia judeu, por aquellas capellas acima, desde o Judas da primeira até ao celebre—*Nariz de ferro*, das derradeiras, que não conhecesse o capitão Gaspar. Ainda lhes heide contar a historia do *Nariz de ferro*».

Abriu a porta foi o mesmo que levar o creado de encontro á parede; amarrado á chave, sustentando a custo a véla, com que nos deu luz para entrarmos desesperadamente.

—«Não façam bulha!»—diz o homem ainda meio torto atraz da porta,—não acordem os hospedes nem os patrões!»

—«Queremos camas e vinho!» Foi um côro unisono de mais de quinze vozes.

—«Não tenho acerescenta o homem, que pedia socêgo por amor de Deus—tenho camas sem roupa porque agora não vou acordar os patrões.»

E nós tratamos de procurar apoentos.

Eu arranjei um quarto com uma cama que tinha bom colchão, fronhas e uma coberta de chita. Tratei de apanhar capachos pelas portas dos quartos, atravessei-os sobre a coberta, e metti-me entre o colchão e á mesma coberta, que me serviu de lençol; e só assim conseguí estender, para que seccassem, a camisola e a camisa, que iam numa sópa, como disse; dormi quente como um rajão. Agora calculem a troça que me fizeram os parceiros quando pela manhã, entraram no meu quarto, e me viram coberto de peças de esparto assim á laia de ourigo cacheiro! Que estridentes gargalhadas, mas que bem eu estava sem ter enchugado em mim a camisola húmida!

—«Vamos! Leva arriba!»

A LAGRIMA

Afinamos os instrumentos, organisamos a orquestra, e fomos para o mosteiro. Ali, subimos para o côro, e durante a missa, a que assistimos, tocamos algumas peças do nosso repertorio.

Percorremos o terreiro; fomos até ás ultimas capellas tocando sempre, e descemos para almoçar. Depois do almoço continuamos com a mesma diversão, pela *Mie d'agua*, pela matta a tocar e a rir. O Leite e o capitão Gaspar estavam nas suas delicias... E o que isto lhes custou!! Fomos jantar. Não haviam ainda as mezas redondas, com que eu embirro, por não ser coisa dos meus tempos de rapaz e... cá por coizas...

A nossa meza era em uma saleta qualquer do hotel. Os hospedes eram muitos, e o serviço da nossa meza vagarossissimo. Resolvemos pedir a sopa por muzica. A letra era—«Venha já a sopa»: a muzica era a do hymno de D. Fernando que todos sabiam. Com esta gritaria infernal conseguimos activar o serviço que se tornou regular. Quando principiamos a beber, conhecemos todos, que o vinho era uma heberagem impossivel. Toca a dizer que o—«vinho não presta»—com a mesma muzica; e, em todos os cantos do hotel ouvia-se esta inferneira intercalada de gargalhadas! Ainda repetiamos a cantoria—«o vinho não presta»—quando entrou na saleta um escudeiro com uma grande cesta de garrafas de vinho do Porto, que um generoso cavalheiro daquella cidade, ali hospedado, nos mandava offerecer. Acto continuo agradecemos ali mesmo, da meza, em côro, com a mesma muzica. Que bom homem! Assim que acabamos de jantar, fomos tocar á porta dos aposentos do nosso obsequiador, que nos franqueou até á ultima garrafa de vinho fino que ali tinha.

E assim se passou um dia cheio, cheio de uma diversão alegre e quente, amiga e saudosa!

E retiramos para Braga já á noite, porque eram horas de estudar, como agora são horas de terminar esta insulsa chroniqueta, que, para mim, é de uma gratissima e saudosa recordação dos meus tempos de rapaz.

ARCHEOLOGO.

O CIUME NO AMOR

Emquanto as praias regorgitam de banhistas que brincam, riem, folgam e jogam, Barcellos dormita pachorrentamente numa semsaboria pasmosa.

Os raros que por cá ficaram vão até o estabelecimento do Oliveira, sentam-se, comem melões, bebem cerveja, e, depois de bem *oliveirados*, abalam até o jardim, passeiam, sentam-se e, por defastio e porque parece mal estarem calados, cavaqueiam pacatamente.

Em um desses cavacos um ingenuo lembrou-se de perguntar se o ciume era admissivel no amor ou offensa.

A esta fatal pergunta os rostos congestionam-se, os braços gesticulam, as vozes trovejam, as palavras tumultuam. Fallam, gritam, berram e ninguém se entende...

Eis a origem deste plebiscito a que muitos tem responzillo e entre elles o illustrado escriptor sr. José Augusto Carneiro justamente considerado como um dos nossos primeiros archeologos —o que não obsta a que se interesse pelas cousas do coração.

Seguem os escriptos pela ordem que foram recebidos:

O AMOR NO CAMPO DA PHILOSOPHIA

(Uma lagrima de doutrina)

As operações emanam das facultades. Das facultades *sensitivas* do homem emanam as operações *sensitivas* do mesmo: uma d'ellas o *appetite sensitivo*, pelo qual o homem tende para um bem, percebido por meio dos sentidos, e conveniente á sua natureza *sensitiva*.

As *paixões* são fortes movimentos da facultade *appetitivo-sensitiva*, determinados pela percepção do bem ou do mal, contrariamente ao que affirmam Descartes e Malbranche e ao que opinam os Stoicos, Epicuro, Platão, Fourier e Saint-Simon.

Uma e a principal d'essas *paixões*, em numero de onze, é o *amor*, pois n'elle todas têm o seu principio e o seu termo: «*Otez l'amour, il n'ya plus de passions*», diz Bossuet.

O *amor*, pois, é uma *paixão*, pela qual o homem tende para um bem, percebido por intermedio dos sentidos. E, n'este caso, o *amor* é justo e racional: é de todos.

R. M.

Eu não admitto amor sem ciume. São quasi irmãos gêmeos, mas inimigos irreconciliaveis.

Alguem diz que o amor, sendo um sentimento puro e nobre, não deve entrar em lucta com o ciume que é baixo e ignobil, mas os que assim fallam é porque nunca desceram da theoria á pratica. Alistem-se na ala dos namorados, inscrevam-se na classe dos *leões*, façam o seu *pe d'alferes* a um rosto gaiato e aductor, arrastem a aza a uma moçetona de nos *fazer crescer aqua na boca*, passeiem em frente da casa da sua *ella*, julgando-se transportados ao reino dos felizes só por terem a suprema ventura de lhe lobrigarem a ponta do nariz, enfim, ponham em acção *tutti quanti* lembra a um apaixonado, e venham para cá dizer em tom de quem quer endireitar o mundo: ha amor sem ciume. Se até ha *leõesinho* que tem ciume de tudo o que usa a sua amada desde o ganchinho do cabello até ao tacão do sapatinho!

A LAGRIMA

São sentimentos inherentes á natureza humana, e não habitos adquiridos a nosso bel-prazer.

A. D.

Ha 3 phases no amor: impressão, conquista e correspondencia:

Na ultima o amor é a identificação de duas almas que se comprehendem, vibram no mesmo sentimento, palpitan na mesma conformidade de pensares.

O amor é uma paixão absorvente concentrando todas as faculdades affectivas e emotivas na pessoa que se ama.

Nada o distrae, nada o perturba, nada o desvia do seu fito constante e unico.

O amor é um sentimento lilial que irrompe puro e immaculado do intimo da alma.

E o amor, assim considerado, será compativel com o ciuime? Não.

O ciuime é uma paixão egoista, brutal e um insulto feito á pessoa que se ama porque deriva da pouca confiança nos seus affectos e protesto d'amor.

Existindo essa desconfiança não ha a harmonia, a identificação das almas.

Existindo ciuime, não existe amor.

Amor e ciuime são, portanto, incompativeis.

A. M.

O amor é um sentimento nobre e proprio de uma alma bem formada.

Se o amor é verdadeiro e não visa a outro interesse mais que á posse licita e intima do ente que amamos, torna-se um sentimento puro, egoista de si proprio, e, ao menor passo que julgamos ver outrem anhelar esse thesouro, tornamos-nos ciumentos e luctadores ao extremo da heroicidade.

Entre o amor e amizade ha grande distancia: o amor intenso eleva-se á paixão, que pode trazer tão graves consequencias, como offuscar-se de um momento a outro; a amizade, quando sincera, é um vinculo moderado de affeição que nunca se extingue.

JOSÉ AUGUSTO CARNEIRO.

N'um jardim de flores litterarias, onde borboleteiam mariposas irisadas de talento, será permittida a confraternidade d'um zangão?

Se é, n'um zumbido pouco agradável e destoante, emito n'uma ferroada a minha opinião sobre a phrasa em plebiscito.

Othello ama loucamente Desdemona, no entanto, estrangula-a com ciumes!..

O «Mouro de Venza» é uma obra tão soberba

em scintillações do real, que creio bem, que Shakspeare para escrevel-a, lhe fosse necessario sentil-a.

E o genial poeta enganar-se-hia?—Não.

O amor é um composto de uma parte de sympathia e de duas restantes de egoismo. Da reacção, d'esses dois sentimentos puramente distinctos, advem a resultante do ciuime.

Que haja amor com ciumes, é natural; mas que haja ciumes sem amor, é perfeitissimamente impossivel!..

Dedução logica—Que não poderiam existir ciumes se não houvesse amor.

Recolho ao cortizo, um pouco vexado da minha audacia.

A. B.

E' complexa a questão.

¿Pode haver amor sem ciuime?

Eu digo que sim. E ha.

O verdadeiro amor é a plena confiança. E' a synthese de duas almas transformadas n'uma só.

Ora, não se pode admittir que um individuo desconfie de si mesmo. E, como no verdadeiro amor não existem *dóis*, mas só *um*, o ciuime é uma barbaridade natural.

Se o amor é da escola dos modernos naturalistas, materia, simples sensações da carne, pode haver ciuime,—que é, n'este caso, a pena de que outrem goze o que o primeiro gozou, com mais ou menos delicia.

Mas, se o amor é Amor, se é ideia e não—simples sensação, o ciuime não é possivel, porque se não tem ciuime da propria felicidade.

O sol, que irradia a luz, não tem ciuime da propria luz que diffunde.

E o verdadeiro Amor é o melhor sol da alma dos bem-aventurados da terra.

JOÃO DO MINHO.

«... Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!..»
Dizia-nos Camões em versos bem medidos,
D'um povo que demora em terras do Oriente.

E mais não sei quem veja o doce olhar da amada
Beijar caricioso o rosto d'um rival,
Sem que sinta o morder da áspide mortal,
E em golfadas jorrar na alma atribulada
O amarissimo fel, a bilis do ciuime.

A. ESMEIZ.

A mulher má não entra para a minha opinião.
Conheço-lhe a psychologia.
Não lhe dou pousada em minha compaixão.

A LAGRIMA

Varro-a com a cauda do tedio.
O homem canalha, esqueço-o.
Não quero calar estas rudezas.
Agradeço á sociedade esta orientação.

*
O amor é um sentimento que se não diz, mas que se revela.

O homem que leia o prefacio do olhar da sua amada.

Leia-o. Não o solettre.

O ciúme no amor é a chancellia da indignidade—certifica a debilidade de espirito, ophtalmia de razão e escassez de merito proprio. São uns zelos de orgulho e egoismo, que vão amestrar a enganar, a mentir a si, depravando o coração. Ciúme no amor é a medida da estupidez e da perversidade, a pouca confiança de si proprio. O ladrão julga que todos roubam.

A mulher é uma nevrose de creença.

O homem deve espargir bênçãos com o hyssopo dos seus sentimentos sobre ella.

Do que disse concluo que o ciúme não deve existir no amor.

LOBO D'ALVA.

Chego muito a proposito. Soube do plebiscito e não quero faltar com o meu voto.

Com certeza uns dirão que sim outros que não: e todos tem razão, porque nenhum a tem.

Amor e ciúme são duas plantas muito acclimataveis, mas que não vivem:—o primeiro não vive porque é idealisação sem realidade, o segundo morre porque naturalmente tudo esqueço—: vegetam ambos com a duração das rosas de Malherbe e com a miragem dos oisis do Sahara.

M. A.

O amor e o ciúme são modalidades peculiares á sentimentalidade humana, e, como taes, phenomenos naturaes que se podem estudar.

Nesse estudo ha-de attender se necessariamente a complexidade do assumpto. Mas que difficuldade em conhecer a psychologia de cada individualidade! E sob o ponto physiologico, que variedade de typos, ainda dentro da mesma especie de temperamentos!

Parece-me, pois, que não se poderá dizer acertadamente e por uma forma peremptoria—que o ciúme é ou não incompativel com o amor—.

O amor, na accepção restricta da palavra, pode consagrar-se por felicidade rara, a um ente que se identifica tanto quanto possivel com o mais intimo ideal, e que sabe corresponder perfeitamente a tão sublime sentimento; então elle será grande, forte, invencivel, imperturbavel. N'este caso, é claro, não deve existir sequer uma sombra de ciúme.

D'outra sorte, e má sorte, enquanto não se

atinge essa caricebisa ventura, concebo que a par com a crescente affectibilidade e mesmo no auge da paixão se possa sentir as cruciantes alterações nativas do ciúme, que é um veneno perigosissimo.

A proposito direi que, principalmente certas damas, laboram n'um erro terrivel. Julgam que não ha amor onde não houver ciúme!

D'aqui resulta que cultivam o ciúme como se fosse a flor mais apreeziada do amor! E assim como se inquietam ou se fingem inquietar, entendem que o amor para ser verdadeiro deve incommodar a quem o sente; o sentimento pacifico e constante que não tagarélla e não agita os braços, que não faz perder o somno e não estraga o appeti e, que se contenta com as exigencias da vida pratica, não é considerado amor verdadeiro, profundo e sincero. Ellas creem que o amor profundo e sincero deve ser igual á demencia; esperam golpes violentos e maravilhosos, versos e prosa ridiculos, suspiros, lagrimas, palavras mysticas e énigmaticas; idéas extranhas que nunca se originaram no cerebro do homem sensato, acções semelhantes ás de Orlando furioso e de Amadis de Gaula. A sua phantasia dá ao verdadeiro heroe amoroso faces pallidas, olhos languidos, semblan e pensativo, exactamente em exterior que não revela vigor, nem saude viril. E se casam, afinal, tudo são decepções...

Eis o que me ocorre n'este momento e sem tempo para pensar sobre o caso. Espero que os sabios pathologistas do coração humano resolvam a questão e permitta-se-me esta expressão, visto que já Platão chamava ás paixões—*febres moraes*.

Barcellos, 26—9—95.

V. R.

ONDULAÇÕES

Em pensamentos mil, loucos desejos
Vagou esta minha alma atribulada,
E sobre minha porta titubante
No que penso? E' nos teus soffregos beijos.

Beijos! aroma dos teus labios quentes,
Dos teus labios de rosa, carminados,
Que encerram, como perolas, guardados,
Os teus pequenos e tão jaspados dentes.

Barcellos.

P.

A «Lagrima»

These para o proximo numero:—Qual é a qualidade mais apreciavel na mulher?

Respostas curtas e fundamentadas.

—Por falta de espaço tivemos de retirar este n.º alguns escriptos referentes a factos dados na presente quinzena. Pelo mesmo motivo retiramos as gravuras.

Responsavel:—João G. da Silva

—Typographia da «Folia da Mnaha»—

(A «Lagrima» é o jornal de maior tiragem n'esta villa. Preço 20 reis por mez)